

**e s c r i t o s**  
**a g r i d o c e s**

**C a i o J o r y**

*Pedi um conto de fadas, não conto de fadas.*

Márcio Markendorf

## **Apresentação**

Esses dias vi uma entrevista de Akira Kurosawa, na qual o entrevistador pediu pra ele mandar uma mensagem para os aspirantes cineastas. Achei os conselhos valiosos e tem tudo a ver, com o momento em que estamos passando no início do curso de cinema.

Nem sequer falou em fotografia e montagem. Disse que temos que escrever roteiros. Antes disso, escrever, tudo. Uma palavra depois da outra. Ele fez uma relação da escrita com a escalada de uma montanha. Você escala uma montanha olhando pra baixo, pois se olhar pro pico, desanima. Então, pacientemente, passo a passo, você chega ao topo. Escrever funciona exatamente da mesma forma. Muitas pessoas desistem de um texto na metade, porque ficam ansiosos pra chegar ao fim. Outra dica, não menos importante, é que é preciso ler. Você cria com o que tem dentro de você, e isso vai além das suas experiências de vida. Romances contemporâneos, são bem vindos, mas é muito importante ler os clássicos, segundo ele.

Este portfólio contém escritos realizados na disciplina de Escrita Criativa, ministrada pelo professor Márcio Markendorf do curso de cinema da Ufsc. São na maioria contos, um deles feito coletivamente, além de um microconto, um poema e um roteiro. Todos são frutos de temas predefinidos pelo professor. Os quais, prefiro não citar aqui, para que o leitor, que não participou das aulas, tenha uma experiência de leitura, independente.

Caio Jory

## **Sumário**

Sozinhos no Tempo .....	5
Demasiado Mundo Humano .....	7
A Princesa Gisa .....	11
Depoimento .....	14
O Muro Maldito .....	17
Laura e Seu Destino .....	20
Alguma Coisa a Ver com Bruxaria (conto coletivo) .....	24
Pele e Coração .....	27
O Introvertido Fim do Menino Axolote .....	28
Teoria do Vírus Mágico .....	29

## SOZINHOS NO TEMPO

Nos encontramos no meio da tarde pra tomar um café na Tenente Silveira, próximo à escadaria do rosário. A última vez que tínhamos nos visto havia sido na sexta-feira anterior em minha casa, onde derrubamos duas garrafas de vinho fazendo batalha de DJ's numa disputa pra ver quem colocava a pior música no youtube. Claro que eu ganhei, com Musa do Verão do Felipe Dylon. Ela chegou no máximo em Dança da Vassoura, do Molejão. Perguntei como estava indo o TCC, ela disse que ia bem, faltava escrever mais dez páginas antes de entregar e apresentar. Ela me perguntou como estava a minha semana. Falei que ia bem também, que consegui mais uns *freelas* que estavam me tomando bastante tempo, mas que rendia uma boa grana. Conversamos sobre o golpe, gatos, bolos de cenoura e o clima. Ela terminou o capuccino e me disse que tinha que ir. Na despedida demos um selinho. Fui andando até o centro histórico pra dar uma passada na sebo antes de pegar o ônibus.

Os discos ficam na parte dos fundos, empilhados no chão. A atendente não tirava o olho da televisão que passava “vale a pena ver de novo”. Dei “oi” e ela nem respondeu. Entrei e fui direto ao que me interessava. Havia uma caixa, daquelas de hortifruti, com uma folha de papel de caderno colada a frente: “Qualquer disco por 5 reais”. Pensei que ali poderia ter algo interessante. Fui vendo um por um puxando com os dedos... Roupa Nova, Meu Bem Meu Mal Internacional, Xou da Xuxa, Tieta Internacional, John Lennon Collection... peguei este último pra dar uma olhada na capa. Era uma foto do John Lennon com o fundo branco. Na parte branca havia também uma dedicatória escrita a caneta... *“Nelson, foi pensando em você que transformei os meus dias em esperanças renovadas, e tudo ganhou um novo sentido. Amo você!” Francis, 17/12/90...* Na contracapa, um coração com o nome dos dois dentro. Peguei o disco e fui para o balcão da atendente. Devo ter esperado alguns minutos até ela me dar atenção. Perguntei de onde vinham estes discos e ela disse que às vezes vinham pessoas querendo se livrar de velharias e deixavam tudo ali em troca de livro, CD ou dinheiro. Até chegar em minhas mãos, deve ter passado por várias outras, nesses vinte e seis anos. Algo dado com tanto carinho à alguém. Agora será meu, por cinco pila. Não quero ser estraga prazeres, mas é provável que o amor de Nelson e Francis não tenha dado certo, se não este disco não estaria em

minhas mãos. Creio que por mais que os discos tenham ficado obsoletos, um casal apaixonado não iria se desfazer de algo tão simbólico para o relacionamento.

Algumas semanas depois, passei novamente pela sebo e entrei. Tinha quase a mesma quantidade de discos que antes, com a mesma caixa de hortifruti e vários outros empilhados sobre o chão. Nenhuma novidade na caixa, então decidi vasculhar o resto. Antes disso fui até a atendente e perguntei quanto custavam... Sei lá, dois reais, disse ela, enquanto mexia no celular... Chacrinha, Fafa de Belem, Tieta Internacional, Top Hits, Remix Hits, Smash Hits... mesmo assim não desanimei na busca até que encontrei mais um Lennon, enfiado embaixo de Explosão Hits. “Menlove Ave” tinha a foto de John em close com o rosto alaranjado, ocupando quase toda a capa, com uns contornos coloridos no rosto e cabelo, e o fundo preto. Nem olhei a contra-capa, coloquei-o em uma ecobag que já levava comigo, passei no caixa e deixei duas moedas de um real no balcão.

Chegando em casa à noite, coloquei a mochila e a ecobag em cima do sofá, e água na panela pra preparar o macarrão. Enquanto a água esquentava, coloquei o celular na tomada pra carregar e vi que não tinha nenhuma mensagem da Bia. Já havia cinco dias que não nos mandávamos nem bom dia. Inicialmente parecia promissor, mas a perda de interesse veio dos dois lados, ou talvez a falta de otimismo ou mesmo vontade de aturar os defeitos e se encaixar na rotina um do outro. Tirei o disco da capa e coloquei na vitrola. Começou a tocar “Here we go again”. Virei pra ver na contra-capa o nome das outras músicas. A arte era igual a parte da frente, mas mudava a cor do rosto e dos contornos. Sobre as bochechas havia uma dedicatória escrita a caneta... *“Quero viver! Mas penso muito em morrer. Há tanto a fazer, às vezes preciso correr, mas o que adianta? Acabo cansado e menos vivendo. As pessoas são frias demais ou eu que não me enquadrado neste mundo?” Nelson, 16/06/1991.* A água evaporou toda da panela. Coloquei mais para ferver, enquanto isso picava cebola.

## DEMASIADO MUNDO HUMANO

Não faço nem idéia de que horas são, mas o feixe de luz entrando pela janela e o barulho dos carros me dizem que já está na hora de acordar. Resolvi ficar deitado um pouco mais, mas não tanto, pra não me atrasar pra reunião. Ainda dá tempo de dar uma olhada no facebook aqui da cama. Fiz um movimento com o braço para ligar o *smartwall* e a primeira notícia que vejo nos compartilhamentos é sobre mais um caso de ultra-violência. Uma *gangdrag* matou a pauladas um pedreiro porque fez “fiu fiu” para a mulher errada. Esses caras são foda, não conseguem se controlar. Por isso são presas fáceis. E nos dias de hoje não dá pra vacilar.

Dois mil e oitenta e dois, sobrevivemos à Terceira Guerra, vencemos a maldita dupla Bolsonaro e Trump, que fizeram uma aliança para dominar o mundo e fazer todos usarem aquela peruca loira ridícula. E agora onde chegamos? Em mais uma ditadura. Mais moralismos e costumes, nos enquadrando dentro de perfis que temos que interpretar para poder andar na rua sem levar uma lampadada na cabeça. O pior é que não precisa nem sair na rua pra sofrer preconceito. Sou de uma família conservadora e católica, que vai todos os domingos à missa. Agora não preciso mais ir, mas até os meus quinze ia. Pior merda isso. O santo da moda agora é o Francisco. Foi canonizado há mais de dez anos, pois segundo a igreja ele fez o milagre da revelação que livrou a raça humana do pecado. Tipo um segundo Jesus. Depois da guerra a igreja teve que rever os seus conceitos. Sobrevivência mesmo. O Santo Francisco foi como um reformista. Pra mim ele foi interpretado mal. Acho que só queria fazer com que a igreja pagasse uma dívida histórica com algumas comunidades oprimidas. Mas sabe como é, assim como aconteceu com Lutero, a porra da reforma saiu pela culatra e os oprimidos viraram opressores. Sempre tem alguém pra tirar proveito. Agora inventaram que Maria não trepou com José, claro, pois Maria e Madalena se amavam, assim como José tinha um caso com João, o do batizado, e Jesus foi concebido mesmo pelo espírito santo. Assim acreditam os cristãos, que o sexo é somente para o prazer, e não para se reproduzir, e que até então estávamos cometendo o pecado original de Adão, mas agora nos redimimos, pois descobrimos como nos reproduzir sem sexo hétero. É, a inseminação artificial é o novo espírito santo. Claro, que nisso só alguns fanáticos acreditam. Os mais

céticos preferem crer em Darwin. Que estamos em uma nova fase da evolução da espécie, algo lá nos neurônios, e agora temos mais inteligência. Por isso não precisamos nos reproduzir à moda antiga.

A rua está movimentada e tem um monte de gente aglomerada assistindo algo, parece um espetáculo. Perguntei para uma senhora o que está acontecendo. Pegaram um casal heterossexual se beijando em público. Disse ela. Ah é? Respondi. Sim, como pode né, essas pessoas não tem vergonha na cara. Tem que proibir mesmo. Imagina se uma criança vê isso, vai achar que é normal e querer fazer também. Continuei andando pra não vomitar na cara dela. Foi uma denúncia, e a polícia apareceu rapidinho. A bancada cristã desta vez se superou com essa proposta de lei que criminaliza afagos de pessoas de sexo oposto em público. Foi aprovada por unanimidade na câmara e pior é que eles tem o apoio popular. Estamos cada vez mais na sarjeta.

Cheguei na agência atrasado e a reunião já tinha começado. Quem vocês acham que será o público-alvo desta campanha, perguntou Eliseu, nosso diretor de criação. Os gays, respondi ainda na porta. Não. As lésbicas, tentou Yolanda. Não também. São as drags. Pessoal, essa não é uma cerveja comum. É mais lupulada, amarga, não é pra qualquer um. Vocês já foram em um *dragpub*? Já, eu disse. Então, já viu uma drag bebendo “champagne france”? Temos que trabalhar com a sacada da ultra-violência. Que é a diversão delas. Beber e sair batendo em héteros. Risos. Ao menos estão fazendo algum bem pra sociedade.

Ouvi este monte de asneira calado e concordando. Agora vou ter que escrever alguma trocadilho genial pra vender cerveja. Mas o que posso fazer. Se largar esse trampo não arrumo mais em outro lugar. Fico no armário quieto, como meio de sobrevivência. Mas uma hora dessas a casa cai. Nunca sou visto com um namorado, ninguém sabe quase nada da minha vida. Às vezes comento com o pessoal da repartição, sobre alguém que estou pegando, mas é tudo mentira. Meus olhos são pra Yolanda. Ah, a Yolanda. Eu a amo. Não consigo parar de pensar nela à noite, quando vou dormir. Nunca vi ela com alguém também. Somos companheiros de trabalho e nunca vamos além disso. Nossas conversas são sempre profissionais, ou conversamos no máximo sobre futebol. É a minha dupla de criação na agência, e um amor impossível. Nunca poderíamos ficar juntos. É muito arriscado nos dias de hoje. Mesmo que exista um grupo de resistência, estão muito no submundo, e não quero isso pra mim. Quero ser uma

pessoa normal vivendo em uma sociedade, sem precisar se esconder. Isso é um conflito interno meu. Não me escondo, mas todo dia quando saio de casa represento um papel. Não sou eu aqui neste corpo. Agora vou ter que ir mais longe: elaborar um conceito pra uma propaganda que atinge de forma violenta, diretamente a mim. Não sei se posso fazer isso.

Yolanda quer conversar comigo pra começarmos a pensar em algo pra campanha. Tudo bem, vamos. Sentamos à mesa da sala ao lado e ela me mostrou algumas idéias de identidade visual, eu disse que eram bacanas, mas que ainda não tinha pensado nos trocadilhos. Foi quando percebi algo diferente nos olhos dela. Queria me dizer outra coisa além disso. Parecia relutante. Três anos trabalhando juntos e nunca vi esse tipo de reação. Parecia que ia explodir. Precisamos conversar em outro lugar, ela disse. Vem comigo. Eu fui, e pensei... Será que ela é que nem eu e agora vai se abrir? Se for realmente isso, ou ela tem uma percepção muito foda, ou cometi algum erro, tipo, não rir de uma piada heterofóbica em público. Provavelmente foram as duas coisas.

Andamos um quarteirão e viramos em um beco. Aqui não tem câmeras, ela disse. Parou na minha frente. Apesar de ser morena, sua pele estava pálida e seus lábios trêmulos, vermelhos. Quase nos abraçamos, mas só nos seguramos pelos braços e logo soltamos. Parece ter sido um movimento involuntário. Então ela vai direto ao assunto... Vamos pro Oriente Médio! O que? Me explicou que lá houve recentemente uma revolução feminista, pois até então eram como nós no passado, e a opressão era contra mulheres e homossexuais. Ao mesmo tempo que falava comigo, Yolanda olhava pros lados, com medo que fôssemos vistos. Disse também que lá é uma democracia e o amor é livre, pra todos. Caralho, como é que tu sabes disso tudo? Perguntei. Deepweb, meu caro. Ela falava até meio grosso. Sou da resistência, por isso tenho acesso. Internet livre, pelo meu *brainchip*. Pois então, disse eu, acho tudo isso maravilhoso, quero muito ir, mas como? Tenho os meus meios. Vamos até a Bolívia de carro. Lá entramos como turistas, de boa. Tenho esquematizados duas passagens de La Paz, onde pegaremos os passaportes falsos, direto pro Irã. Não é difícil. Confesso que congelei por alguns segundos, sem reação. Não imaginava que Yolanda gostava de mim, nem que era da resistência, e muito menos que existia um paraíso na terra. Voltamos para a agência como se nada tivesse acontecido.

Tinhamos mais três dias de fingimento. Queria ir logo. Mesmo que a passagem fosse pra terça-feira seguinte, hoje é segunda e vamos sair daqui na quinta-feira. Tempo suficiente pra fazer as malas e tirar toda a minha grana do banco. Essa noite fui dormir pensando na Yolanda de novo. Mas agora com planos. Ela está comigo e eu estou com ela. Assim, juntos. Sem falar árabe. Já me deu até água na boca só em pensar em hummus, falafel e kebab.

## A PRINCESA GISA

Há um tempo atrás, em uma madrugada de chuva incessante no Morro do Baiacu. Enquanto a lama escorria como cachoeira entre barracos de madeira sustentados por pedaços de pau cravados no chão do penhasco, nascia de parteira, uma bela menina, que ganhou o nome de Gisa da Silva. No momento de seu nascimento soou um trovão bravejante anunciando a sua chegada, e a luz entrou pela janela do casebre iluminando a mãe com a filha chorando em seus braços. O nascimento trouxe para a mãe uma nova esperança. Sonhava que Gisa um dia pudesse entrar para a faculdade, quem sabe se formar, e também que conhecesse um belo moço, que a fizesse feliz e a levasse pra morar em um apartamento.

Com passar do tempo, Gisa cresceu, fez dez anos de idade e via a dificuldade que a mãe passava para sustentar ela e o seu irmão, que era mais velho, já com dezesseis anos. Ia trabalhar em uma casa de família enquanto os dois iam pra escola. À noite se encontravam pra jantar, e a mãe sempre contava algumas histórias de família, que ouvira de sua avó. Dizia que o avô de sua avó, veio do Congo, trazido pro Brasil em um navio negreiro, mas que lá na Africa era considerado nobre. Chegando aqui, foi misturado com outras tribos africanas, perdendo assim, o reconhecimento da nobreza e se tornando um escravo comum que trabalhava na lavoura de café.

Não muito tempo depois, o irmão de Gisa parou de ir à escola, pois saía todas as noites e voltava tarde. Mesmo com muita briga a mãe não conseguia impedir que o garoto fizesse o que queria. Até que, em uma destas noites, a mãe de Gisa, já com as duas a sós, abriu um gaveteiro no fundo do barraco e tirou de uma caixinha de madeira um pequeno cristal. Era uma linda pedra, brilhante e lapidada, que seu ancestral conseguira trazer consigo do Congo, ~~dentro do anus~~, e foi passando de geração em geração. A mãe lhe deu e disse que era um objeto sagrado que lhe traria proteção espiritual. Já lhe havia sido muito útil durante a vida, agora chegara a hora de passar para a filha. Gisa, segurou a pedra e guardou bem em seu bolso. A partir daí não desgrudou mais do amuleto.

Passaram-se, alguns carnavais, Gisa fez quinze, se formara no ensino fundamental e era a melhor dançarina do morro. Havia ganhado o concurso mirim do ultimo carnaval. Seu irmão seguiu o caminho do crime. Quase não aparecia em casa, mas quando vinha trazia dinheiro. A mãe já estava ficando velha e cansada de trabalhar na casa da família que havia aumentado a carga horária, sendo que o salário não. Aceitava mesmo assim, pois a família que ela trabalhava a tratava bem, segundo ela. Os três se reuniram pra jantar como não faziam há muito tempo. A mãe contava sobre o seu trabalho e seu cansaço, mas como estava ainda feliz, pois havia ajudado a criar os filhos de sua patroa. Gisa falava sobre a aula, que pretendia continuar estudando, mas que iria ter que trabalhar pra ajudar a mãe. O irmão só ouvia as duas falarem, e olhava para a porta e a janela. Durante o jantar, foguetes começaram a estourar anunciando a polícia no morro. O irmão se despediu rápido e fugiu. Nunca mais voltou. Não se sabe se foi morto pela polícia ou se está escondido. A mãe, depois de um tempo, acabou morrendo de desgosto.

Gisa ficou sozinha. Só ela e o amuleto. Como sabia ler e fazer contas, achou que encontraria fácil um emprego. Foi em casas, lanchonetes e restaurantes e nada. Diziam que ela era muito nova. Começou então, a vender jornal no semáforo. Quando resolveu ler os anúncios, tinha um que procurava uma mulher com o corpo escultural disposta a dar prazer a homens mulheres e casais. Pagavam bem. Gisa, que até então, não conseguira ganhar nem o suficiente para comer, decidiu se prostituir.

Ganhou algum dinheiro e conseguia até viver bem. Morava em um apartamento com outras prostitutas, comprava roupas, maquiagem e acompanhava alguns clientes gringos que faziam turismo. Não demorou muito e ficou grávida. Com dezessete anos. Apesar de ter ido pra cama com muitos, sabia quem era o pai. Mas não importava.

Não podendo mais ficar no apartamento, teve que voltar para o barraco onde nascera. Ainda de barriga, durante o carnaval, conheceu um belo rapaz de cabelo descolorido que gerenciava o tráfico da boca no morro. Eles se apaixonaram um pelo outro e tiveram uma vida boa. Nasceu a criança, que o

rapaz assumiu como dele, e foram morar em uma bela casa no alto do morro. Não demorou muito, antes da criança completar um ano, o companheiro de Gisa foi morto pela polícia. Ela gostava muito dele, e ficou desamparada. Agora também não tinha mais como manter a sua filha. Lembrou então do cristal que sua mãe a havia dado. Pegou-o na mão e aparentemente não aconteceu nada. Então segurou sua filha nos braços e saiu pela cidade para pedir comida. Solitária naquela floresta de concreto e aço, pegou novamente o cristal, acreditando que algo poderia acontecer de inesperado, quando apareceu ao seu lado uma linda mulher, de seus trinta anos, branca como a neve, lhe oferecendo um emprego em sua casa. Gisa ficou muito feliz. Perguntou se podia levar sua filha, e a linda mulher disse que sim, por enquanto, até a menina crescer um pouco e poder se virar sozinha, pois Gisa ainda haveria de cuidar dos filhos da mulher. Gisa não viu problema nisso, e foi trabalhar na casa, vivendo feliz até o resto dos seus dias. Que não foram muitos. Pouco tempo depois, já debilitada, descobriu que ela e sua filha possuíam HIV.

## DEPOIMENTO

O barulho do carro não me deixava entender o que estavam conversando. Mas falavam muito e davam risadas. Estava escuro, e com essa mordança na boca não conseguia nem gritar. Só sentia um gosto e cheiro de sangue. Meus pés e mãos estavam amarrados e o meu corpo encolhido batia de um lado pro outro, como aquelas bolinhas de Pinball. Depois de um tempo, a estrada deve ter melhorado, pois meu corpo parou de bater. Então dormi, não sei quanto tempo, e acordei pouco antes do carro parar. Tínhamos chegado ao destino. Não sei onde. Mas alguém abriu o porta-malas. Eu estava quase sufocando por falta de ar, e naquele momento dei uma respirada fundo e tentei falar, mas não conseguia. Um cara só gritou pra um outro vir ajudar ele, chamando-o de Bode. Através dos poros do pano que estava na minha cabeça, conseguia vê-lo mais ou menos. Dava pra ver que vestia uma camisa da moda, aberta no peito, tipo John Travolta e tinha um nariz enorme. O tal do Bode respondeu impaciente, tinha uma voz rouca, dizendo que já ia. Não sei porque o chamam assim, mas este que estava a minha frente deve ser Tucano. Vou me referir assim à ele, já que nunca soube como o chamavam. O Bode veio, não consegui ver direito a cara dele, pois assim que chegou me deu um soco, e me virou pro outro lado. Falou pro Tucano que não precisariam me carregar, que poderiam desamarrar os meu pés e eu mesmo poderia andar. Concordaram. Novamente tentei falar, mas só balbuciava e eles não davam a mínima. Era noite, sei lá que horas, mas deveria ser tarde. Entramos em algum lugar, tipo um prédio, pois haviam portas e pelo cheiro parecia ser limpo. Não acenderam as luzes, então dava pra ver nada. Descemos um andar de escadas e chegamos a mais uma porta. Entramos e tinha outra ainda. Assim que entramos, falaram que tínhamos chegado e tiraram a mordança, menos o pano na cabeça e as algemas. Perguntei o que queriam de mim e responderam: tu sabe muito bem, o comunista. Tinha um abajur aceso dentro do cômodo, que era pequeno, e tinha um colchão e uma privada. Antes de chegar lá eu só lembro que tinha ido a um encontro com a minha ex pra esclarecer algumas pendências da separação. Fomos no bar do Bidú. Depois de algumas cervejas, queria mijar mas tinha fila pra ir ao banheiro, então fui na rua de trás que era vazia. A partir daí não lembro mais nada, até o porta-malas. A Sofia deve estar puta comigo. No dia seguinte, ouvi um barulho de chaves e alguém abriu a

porta. Entrou no cômodo e tirou as minhas algemas e o pano da cabeça. Não era nem o Bode nem o Tucano. Era um gordo de meia idade, cabelos oleosos e a barriga caindo por baixo da camisa. Saiu e voltou equilibrando uma cadeira e um prato de comida. Já vou trazer a água, disse ele. Voltou de novo com uma jarra d'água em uma mão e na outra um rádio à pilha ao ouvido. Depois de amanhã é a final, disse dando risadas. Falei que não estava nem aí pro jogo, só queria ir embora dali e ele respondeu que iria depender do meu desempenho no interrogatório. Trancou a porta e foi embora. Aquele cômodo deveria ter uns nove metros quadrados e tinha uma janelinha com grade de ferro na parte do alto que dava pra um outro lugar que deveria ser um corredor. No dia seguinte, acordei com o barulho de chaves e o gordo entrou novamente, com comida e mais água. É hoje. O chefe já está aqui e vai te interrogar em pessoa. Você deve ser importante, disse ele. Comi aquela ração e antes mesmo de digerir, ouvi novamente aquele barulho de chaves. Eu já estava como o rato da caixa de Skinner, cada vez que ouvia o barulhinho sabia que tinha comida chegando. Mas desta vez não era. O gordo entrou de novo e me chamou para ir com ele. Colocou o capuz na minha cabeça, subimos a escada até o térreo e mais um andar. Atravessamos uma sala, que parecia ser grande, pois tinha eco de pessoas falando, mas não se entendia, e barulho de máquinas de escrever, como a repartição de uma empresa. Entramos então em uma outra sala e o gordo tirou o capuz. Tinha uma mesa e duas cadeiras, uma a cada lado. Me colocaram sentado em uma delas. A cadeira era de ferro e grudada no chão. Chegou um outro homem e sentou na cadeira da frente falando que o gordo poderia ir embora. O nome do gordo era Clóvis. O homem me cumprimentou pelo nome e perguntou se eu sabia porque estava ali. Eu disse que fazia ideia. Disse o seu nome, Pedro Montana, que era delegado da polícia civil. Disse também que esse interrogatório ia ser bem rápido se eu colaborasse. Falou um monte de nomes e perguntou se eu conhecia e se sabia onde estavam. Eu não sabia obviamente, pois não era da guerrilha armada, mas como jornalista já havia ouvido falar. Aliás, qualquer um conhecia aqueles nomes, pois a cara deles saía diariamente nos jornais, como terroristas procurados. Parecia que queria só jogar um verde e logo foi ao que lhe interessava. Falou que eu deveria sair do país, que o Brasil não era lugar pra mim, que eu deveria ir pra Cuba, ou pra qualquer lugar, e que tinha dois dias pra fazer isso e que ia ficar de olho em mim. Ele saiu e o gordo voltou, colocando

novamente aquele pano na minha cara e as algemas. Me deixou no cômodo novamente e quando já era tarde da noite apareceram eles. A dupla infernal: Bode e Tucano. Me tiraram dali e me jogaram no mesmo porta-malas que fedia a sangue. Viajamos algumas horas e me largaram na estrada. Tiraram a minhas algemas, menos o pano, disseram que se eu tirasse iam voltar pra me matar. Fiquei com aquilo na cabeça por um bom tempo até ter certeza que eles já tinham ido. Assim que tirei, dava pra ver os prédios no horizonte. Não estava longe de casa e consegui voltar andando. Agora estou arrumando as malas , organizando meias, cuecas, calças e camisas, enquanto gravo este depoimento. Não tive tempo de escrever, pois o recado do Delegado foi bem claro, tenho que vazar do Brasil o mais rápido possível. Quando a poeira baixar eu volto. Exilado serei mais útil que morto.

## O MURO MALDITO

Eu devia ter sete ou oito anos, ou seja, pelo final da década de oitenta. Brincava muito na rua com um grupo de amigos. As brincadeiras, na maioria das vezes, envolviam violência, castigos e coisas do tipo, como corredor polonês e garrafão. Aposto que poucos conhecem esta última, nem eu mesmo lembro direito como era, mas desenhávamos um garrafão no chão, e uma pessoa era escolhida pra apanhar, e dentro do garrafão você estava protegido, só que uma hora, por algum motivo, tinha que sair, aí o coro comia. E não tinha essa de chorar, pois você tinha uma reputação a zelar. Mas a história que eu queria contar não era essa, e sim uma outra que me aconteceu, e que lembro muito bem.

Era sábado, não tinha aula, e já estávamos de saco cheio de jogar bola na rua. Como sempre, estávamos buscando alguma diversão de verdade. Eu era o mais novo da turma, sempre andei com os grandões, não sei porquê. Acho que era porque eu tinha um irmão mais velho, e as coisas que o Toni fazia eram sempre bem mais legais, aí eu ficava indo atrás dele pra fazer o que ele fazia, e acabei me enturmando com os caras mais perigosos da vila.

- E o que vamos fazer?

Além do Toni, meu irmão, tinha o Fernando, o Beto e o Jorge. O Jorge morava no final da rua, e o pai dele era policial. Fui poucas vezes na casa dele, mas lembro de um carro estacionado na garagem. Era preto e parecia muito limpo e brilhante. Ele sempre falava pra tomar cuidado pra não encostar no carro, pois o pai dele iria ficar muito bravo se tivesse alguma marca de mão ou risco. Nunca o vi de fato, mas sempre imaginava um cara alto, carrancudo e de cabelo lambido.

- Já sei o que podemos fazer - falou o meu irmão - vamos pular o muro da escola pra jogar bola lá dentro.

Eu nem falei nada, mas a idéia me atraía, apesar de ser perigosa. Estaríamos meio que cometendo um crime, e já seríamos uma mini quadrilha. Legal. Mas e se fôssemos pegos? Não queria nem pensar nisso.

- Os caras da rua de baixo sempre fazem isso - insistiu Toni - aí de repente encontramos mais gente pra formar dois timinhos.

- Uoll, boa idéia - disse Fernando - e mesmo se não tiver ninguém, já estamos em cinco. Dá pra vadiar de “gol a gol” ou “três dentro três fora” e fazer um campeonatinho.

- Fechou - concordou Beto.

Jorge, o filho de milico, era cagão como eu, mas eu ainda tinha uma desculpa por ser mais novo. Mesmo assim também concordou, e fomos.

Descemos a rua e viramos na transversal que é a rua da escola. Dalí já dava ora ver o muro. Fiquei pensando como iria fazer aquilo. Merda. Com este tamanho. Os outros são bem mais altos.

- Vamos, raça, vamos pular. Escutei o grito e não vi de quem veio.

Toni foi o primeiro. Deu um pulo, agarrou a parte do alto com as duas mãos, depois meteu as pernas por cima e foi pro outro lado. Fernando e Beto fizeram o mesmo. Ficou eu o Jorge. Ele olhou pro lado, por trás de mim, como se tivesse vindo alguém e foi. Rápido. Fiquei sem saber o que fazer, quando olhei pra trás pra ver o que o Jorge tinha visto, dei de cara com ela. A velha monitora da escola. Já estava ali, atrás de mim, baforando no meu pescoço.

- Eu vou chamar a polícia - gritou ela.

Senti o bafo dela e vi as salivas saindo da boca em câmera lenta na minha direção. Fiquei ali parado olhando pra ela por, provavelmente, frações de segundo, que duraram uma eternidade, recebendo aquela enxurrada de baba na cara. Ela estava vermelha e inchada, rosnando, com os olhos esbugalhados. Não pensei duas vezes, nem em pular mais, só queria correr. Sair dali. Fui sem olhar pra trás, ouvindo a palavra “polícia” reverberar na minha cabeça. Dobrei a esquina e subi a ladeira. Parecia que estava correndo sem sair do lugar, como nos

sonhos. A casa não chegava e eu não parava de suar. Imaginava policiais de farda bege vindo atrás, querendo me levar pra cadeia.

Quando cheguei, entrei em casa, ofegante, quase pegando fogo de tão quente. Não vi os meus pais naquele momento. Sentei em um canto da sala e tinha a impressão de que era enorme, tudo em larga escala, tanto as paredes quanto a janela e a porta, por onde via guardas entrando e pulando a janela, vindo de todos os lados pra me pegar.

Lembro pouco do que aconteceu depois, só algumas coisas que a raça me contou, que a missão foi um sucesso, para eles, dizendo que eu perdi, que podia estar lá, que foi muito divertido e que vadiaram pra caralho. Encontraram até os caras da rua de baixo.

Fiquei arrependido de não ter pulado, mas ao mesmo tempo me acelerava o coração ao lembrar da famigerada cara da velha. Por que que alguém tem que ser assim com as crianças?

Sentia muita angústia cada vez que passava perto daquele muro, o pior é que a escola era onde eu estudava e na segunda-feira tinha que voltar pra lá. Não conseguia mais ir, de jeito nenhum, não iria nem arrastado. Imagina se tivesse que ver a velha de novo? Ela podia, sei lá, me dar um esporro, ou pior, me levar pra delegacia, aí seria o fim. Não gosto de polícia desde então.

A partir daí, vendo que eu realmente não iria entrar mais naquela escola, minha mãe me mudou para outra. Era particular, e o nome acho que era “Chapeuzinho Vermelho”. Não tenho muita lembrança de lá, só que era um pouco mais longe e tinha que andar um mais pra chegar. Valia a pena, mesmo assim, pois o caminho era divertido e eu ia com a minha bicicleta nova. Mas, o melhor mesmo, é que a escola era segura, e a senhora “Lobo Mau” não chegava lá nem a pau.

## LAURA E SEU DESTINO

Deitou na cama, fechou os olhos e tentou dormir. O que a faz ficar acordada não é o ronco de Eduarda, sua irmã mais velha que dormia na cama ao lado, e sim a expectativa de ouvir de novo aquela risada vinda de algum lugar na rua, como acontecera outras vezes. Era uma risada longa, sarcástica e aguda, não muito distante de sua casa, onde Laura está morando há pouco mais de um mês com sua família. A primeira vez que ouviu, foi poucos dias após a mudança. Com medo, correu direto pra cama dos seus pais. Sua mãe lhe perguntou o que havia acontecido e ela, mesmo ofegante, tentou explicar, mas não conseguia descrever com detalhes. Deve ter sido um pesadelo, disse a mãe, e que ela podia voltar a dormir.

Dois quarteirões dali, em uma rua sem saída, mora dona Teresa. Uma senhora de seus setenta e poucos anos, solitária e de hábitos peculiares, até onde se sabe. Raramente sai, mas é vista de vez em quando na janela, atrás do vidro, que reflete a luz do céu e o verde do jardim de sua casa, quase escondida no meio do matagal do seu quintal. Frequentemente recebe pessoas, desconhecidas pela vizinhança. Chegam a noite e saem pela manhã. Deixando ainda mais intrigados os moradores do bairro, que de certa forma, já estão acostumados a conviver com a senhora misteriosa, pois ela é uma das moradoras mais antigas.

Laura ia mal na escola, por dormir pouco, e sua mãe ficava preocupada. A terapeuta ainda não teve um diagnóstico certo, a princípio achava que poderia ser um Transtorno de Ansiedade Generalizada, e que o stress causado pela mudança de cidade e escola, deveria estar causando os pesadelos frequentes. Depois disso a explicação seria algum tipo de Esquizofrenia, pois, estranhamente é só ela que ouve as risadas. Sua irmã diz que nunca ouviu, mas também, tem o sono pesado e dorme como uma pedra. Mesmo assim o fato de ter alguém no mesmo quarto, faz com que Laura se sinta mais segura.

Nesta noite os pais de Laura tinham saído pra jantar, e ela ficou sozinha em casa com a irmã. Logo que saíram a campainha tocou. Ela abriu a porta e não tinha ninguém. Pensou que era os moleques da rua. Fechou a porta e a

campainha tocou novamente. Abriu rapidamente, e ali estava Alice. Uma garota adolescente, da idade de sua irmã, que morava na casa ao lado, trazendo uma fita de VHS em uma mão e um saco de balas de goma na outra. Ela já era amiga de Eduarda e iam pra escola juntas.

- Trouxe diversão, exclamou Alice, levantando os braços mostrando o que tinha nas mãos.

- Nossa, me deu um susto. O que tens aí pra nós, perguntou Laura.

- Um filme, bem legal pra uma noite de sexta, diz Alice, e doce pra adoçar a vida. A Duda está aí.

- Está sim, pode entrar - respondeu Laura - e que filme é?

- A Morte do Demônio. Peguei escondida dos meus pais, pois eles acham pesado pra crianças. Mas eu já sou grande, e você também. A Duda me disse que seus pais iam sair, então...

Traumatizada com as risadas que ouvia, um filme de terror não era problema para Laura. Já sua irmã, não gostou muito da idéia. Diz que tem medo dessas coisas, ainda mais assim, sozinhas em casa, à noite... mas acabou aceitando após Alice insistir, dizendo que é apenas um filme e que demônios não existem. Colocaram a fita no videocassete e sentaram as três no sofá em baixo das cobertas comento bala.

Na casa de Dona Teresa, vestida em uma túnica vermelha, ela acende velas, uma a uma, formando um círculo ao redor de um pentagrama desenhado com giz de cera no chão de madeira da sala. Bem no meio, coloca uma panela de ferro fundido e uma vela preta dentro. Quando ia ascender, ouve o barulho do seu portão abrindo. Vai até a janela e vê um carro preto entrando. Enquanto o carro atravessa o longo quintal, vai até a porta pra fazer a recepção. Quatro mulheres jovens saem e dona Teresa as convida pra entrar, dizendo que já havia iniciado os procedimentos

Nas primeiras cenas o filme parecia ser divertido, até tinha umas cenas de susto, mas nada de impressionante. Quinze minutos depois, Eduarda já queria parar, após uma das personagens ser perseguida por algo estranho na floresta, até que a personagem foi possuída. Neste momento nem Alice quis mais ver. Pra Laura não fazia diferença, então pararam o filme e tiraram a fita. Ficaram um tempo conversando e Alice foi embora, já por volta das onze da noite. Os pais de Laura e Eduarda chegaram e elas foram pro quarto dormir.

Três horas da manhã, as convidadas de dona Teresa, vestidas em uma túnica preta, ficam em volta da roda, ajoelhadas, enquanto Teresa, em sua veste vermelha, fala em uma língua que não dá pra entender, em um ritmo, como se fosse uma música, enquanto as outras batem com varetas na panela de ferro, como se tivessem invocando algo. A anfitriã levanta, olha pro alto, e começa a dar risadas entranhas e estridentes.

Laura arregala os olhos e levanta da cama, como se estivesse hipnotizada saindo na rua de pijama e descalça, seguindo o som das risadas. Até que chega ao portão da casa de dona Teresa. O portão se abre sozinho e ela entra, atravessa o matagal do quintal e chega à porta, que se abre também. Então ela entra, a casa está escura, sem mais barulho, mas de alguma forma ela sabe pra onde deve ir. Atravessa o hall de entrada e chega a um corredor, onde vê no final uma luz vermelha. Atravessa e chega à sala da casa. Inexpressivamente olha o que está acontecendo. Uma linda, jovem mulher, em uma túnica vermelha. É Teresa, que encara Laura nos olhos, como se a tivesse atraindo, enquanto outras quatro nuas, se curvavam ao redor do pentagrama, cantando em língua desconhecida. Laura então anda em direção à elas, com um sorriso no rosto, entusiasmada pra participar.

No dia seguinte, pela manhã, sua família percebeu que ela não estava em casa. Acharam estranho, pois ela nunca sai sem avisar, ainda mais por ser uma criança de treze anos. A procuraram em toda vizinhança e ninguém a tinha visto. Ninguém sabia de nada. Continuaram procurando, sem ao menos imaginar o que

poderia ter acontecido. Passaram-se dias, meses e anos, e Laura nunca mais voltou.

## **ALGUMA COISA A VER COM BRUXARIA**

Ninguém estranhou quando os adolescentes começaram a pular da ponte. No começo eram um ou dois por dia, mais tarde dez, quinze. Aos poucos, assistir suicídios virou o programa favorito de alguns aposentados sentados em suas cadeirinhas de praia no fim da tarde.

Apesar da epidemia de suicídios, a rotina permanecia. A soberania do comer, dormir, acordar e trabalhar. De novo e de novo tudo permanecia normal. Assim como o analgésico que alivia a dor. Foi uma cirurgia sem dor. A anestesia tomou conta da percepção. Amputavam as vontades. Amputavam os sonhos. Amputavam a vida.

Ninguém estranhou quando as pontes caíram e a ilha ficou isolada do continente. Todas as pessoas que estavam lá, ficaram lá mesmo. Até quem era do continente. Não havia luz e comunicação, pois tudo chegava por cabos que estavam na ponte. Não notaram, mas igualmente não havia internet.

Alguns automóveis prestes a cruzá-las deram meia volta, os que nelas estavam continuaram por uma rota aquática para sei lá onde, ninguém se pôs a resgatá-los. Outros carros, menos ousados, permaneceram em frente às ruínas, o novo cartão-postal da cidade.

Às vinte horas, quando estava acabando, o jornal anunciou, sem profundidade alguma de contexto, sem interesse, tampouco delonga alguma: as pontes caíram. Típico de uma cidade que com tanta gente, essa gente toda, que facilmente olha, mas não vê, desprezaria umas pontes caídas por aí.

Os ambulantes entraram em sistema de revezamento: os vendedores de churros compravam amendoim, os de amendoim compravam queijo coalho, os de queijo coalho alugavam cadeiras e os locadores das cadeiras compravam churros. Traficantes tentavam passar cocaína por farinha, beach clubs transformavam-se em galerias de arte, onde eram expostos brincos de pena e imãs de geladeira das falecidas pontes. Instaurou-se, assim, o gulag turístico.

As mercadorias outrora vindas de fora, começaram a ser produzidas na ilha, e logo havia uma fábrica em cada esquina. As pessoas só falavam com quem também estava na ilha e, em algum tempo qualquer, já se comunicavam em um novo idioma. A história foi sendo esquecida, e apenas o que aconteceu na ilha permaneceu.

Mas, mesmo assim, ninguém estranhou quando os carros pararam. Ninguém estranhou quando os sons sumiram. Ninguém estranhou quando o vento não bateu. Ninguém estranhou quando as facas não cortaram, as cortinas não mexeram e a luz não se fez luz. Ninguém estranhou quando os celulares não tocaram. João. João estranhou. Tentou ligar para o continente, e não conseguiu. Gritar e não saiu. Nadar e a água não deixou. Morrer e o tiro não entrou. Andar, andou. Tentar, também. João decidiu comer bolachas de água e sal com requeijão e ler os livros que gostaria de ler.

Não foi diferente com Antônio. Via de seu apartamento, todas manhãs, os carros que continuavam parados, esperando sua vez de cair na água. Ia agora para o trabalho a pé e não se preocupava em passar no mercado. A comida acabara mês passado. No trabalho, não se preocupava em levantar de sua mesa para ir até a cafeteira. O café acabara. A vida perdera o sentido.

Os habitantes da ilha, apesar disso, comemoraram por não precisar mais ter contato com o continente. Agora eram uma nação independente. Não precisavam mais ter que obedecer ordens de outros que nem ilhados estavam, teriam suas próprias regras, sua própria cultura e, ainda, poderiam gerar uma nova espécie, a sua nova espécie.

Chegaram a orquestrar toda uma inauguração da Independência: imprensa posta, marchinha das crianças da cidade, hasteamento da nova bandeira. Pum pum pum. Adeus, Continente e o Inferno. Assim se desataram os ilhéus, felizes, do continente. Quando longe, já bem longe, na entrada do profundo oceano Atlântico, o governante eleito da cidade percebeu que, na verdade, a ilha estava indo em direção a África. Pânico geral, meu Deus. Exasperados com a saída,

esqueceram-se do trajeto. Rapidamente os pescadores da ilha se colocaram ao norte, lançaram suas redes em busca de cardumes que os pudessem levar nessa direção. Ao sul, todos os surfistas fazendo altas manobras de maneira que a água fizesse ondas, empurrando a ilha ao norte. Tudo televisionado, é claro. Estavam aliviados. Ultrapassaram o Equador e o Câncer. Queriam chegar na Europa, esse era o sonho. Estava perto a Europa, meu amor. Chegando, na costa da Grã-Bretanha, todos festejavam. Mas tudo acabou com uma declaração que dinamitou o otimismo: “Não aceitamos estrangeiros”, disseram os ingleses, “mas aceitamos as tainhas”.

Ninguém percebeu quando a comida acabou e começaram a morrer de fome. Nem João, lendo seus livros, percebeu. Sem café há alguns anos, Antônio nem se importou.

E quando todos, finalmente, morreram, ninguém enterrou.

Conto coletivo feito por:

Amanda Cristina Moreira, Arthur Caldas de Oliveira, Caio Martins Jory, Fernanda Andrade Fachin, Helena Paula Zanin, Leonardo dos Santos Pinheiro, Mateus Mendes Gigante, Mateus Mossmann Trindade, Mayron Moreira Campos de Oliveira e Claudia Resem.

## **pele e coração**

moro dentro de um urso.  
aqui fico confortável e quente  
como numa casa de campo de madeira,  
com lareira,  
terna e  
aconchegante.  
grande.  
pronta pra acolher.

as vezes recebo visitas,  
as vezes não.  
as vezes falta espaço,  
muitas vezes sobra,  
mas mesmo assim moro sozinho.  
pois a pele do urso,  
no fundo  
gosta de ser livre.

## **o introvertido fim do menino Axolote**

menino do mar  
do fundo, do escuro, confuso  
estranho sem par

assustado que nem caramujo  
não consegue nem nadar  
quanto menos voar

seu andar é discreto e errante  
não pisa nele, gigante  
que por dentro desta pele ofuscante  
desse olhar ofegante  
da nadadeira agitante  
há um cavalheiro sem Cervantes

## "TEORIA DO VÍRUS MÁGICO"

FADE IN:

### INT. LANCHONETE - DIA

JOSÉ está atrás do balcão, tirando pedido de uma cliente. A televisão da lanchonete está ligada, e ouve-se o SOM.

TELEVISÃO (V.O)

Super vírus chega ao Brasil. Após já ter matado centenas na Zâmbia, padre que estava em missão evangelizadora no país, volta trazendo sintomas. Segundo especialistas, febre, náuseas e vômitos são sinais de alerta.

JOSÉ

Só esperar chamarem seu número, senhora

AROUDO, gerente da loja, debruçado atrás de José assistindo o noticiário.

AROUDO

Padre burro, foi fazer o que lá também.

José dá de ombros.

TELEVISÃO (V.O)

Governo propõe nova reforma trabalhista que promete desburocratizar os contratos de trabalho.

AMÉLIA que está atendendo ao seu lado em outro caixa, olha de canto de olho pra televisão.

### EXT. RUA - NOITE (mais tarde)

José caminha em direção ao terminal de ônibus, e quando chega perto vê que está acontecendo uma manifestação. Pessoas com faixas e cartazes batem tambores e gritam palavras contra o governo. Ele atravessa pelo meio das pessoas e entra no terminal.

### INT. ÔNIBUS - NOITE

José, usando fones de ouvido, sentado olhando pro lado de fora da janela, reflexivo.

ELIPSE TEMPORAL, mostrando a passagem de dia.

**INT. LANCHONETE - DIA (dia seguinte)**

José chega, bate o ponto, cumprimenta Amélia, que sorri de volta, e vai pro vestiário. Enfia a mochila no armário, coloca a camisa do uniforme, o boné e volta. Entra na área de atendimento e posiciona-se no seu lugar, atrás do balcão ao lado de Amélia.

JOSÉ

E aí, como foi o movimento do almoço.

AMÉLIA

Um caos.

JOSÉ

Como assim?

AMÉLIA

Lotado de gente.

JOSÉ

(empolgado)

Ah, então deu movimento. Que bom!

AMÉLIA

(entediada)

É... claro.

JOSÉ

(sorri)

Quanto mais movimentado, melhor.

AMÉLIA

Melhor só se for pro patrão...

Chega cliente e ela atende.

(cont.)

AMÉLIA

Gosta de trabalhar aqui?

JOSÉ

Gosto sim, é uma empresa grande, tem várias filiais, chance de crescimento...

AMÉLIA

Mas tu queres continuar trabalhando aqui, tipo, pra sempre?

JOSÉ

A situação não está muito fácil hoje. Tá vendo a TV aí? É crise, corrupção, agora até esse Super Vírus pra atrapalhar. (ri)

AMÉLIA

Já pensaste em fazer uma facul?

JOSÉ

Vish, não dá tempo... e tu?

AMÉLIA

Acabei de terminar o ensino médio. Queria, mas não tenho grana pra pagar cursinho, e com esse trampo aqui nem tenho tempo de estudar. Quero fazer direito.

Chega um cliente e se direciona à José.

CLIENTE

(aponta o dedo)

Eu quero aquele combo da foto.

JOSÉ

Dez reais, senhor

Cliente dá o dinheiro e José entrega um papel.

JOSÉ

É só esperar sua senha. Obrigado!

FADE OUT

FADE IN

**INT. CASA DE JOSÉ - NOITE**

MÃE de José está sentada no sofá assistindo televisão. SOM da TV falando novamente sobre o Super Vírus, quando José entra.

TELEVISÃO (V.O)

Padre Josefino morre no hospital, após um dia de internação na UTI. Até então não se sabe muito bem as características do Super Vírus, só que mata rápido. Três pessoas com sintomas parecidos chegaram hoje na emergência do hospital Celso Ramos. Suspeita-se que seja por causa dos imigrantes senegaleses, que possivelmente trouxeram a praga da África... Enquanto isso vândalos promovem quebra-quebra pela cidade...

JOSÉ  
Oi, mãe.

MÃE  
Filho, viu isso?

JOSÉ  
O que?

MÃE  
Esse Super Vírus tá tomando conta, meu Deus! Tem que tomar cuidado. Esse pessoal quebrando coisa na rua também. Deus do céu. Bem que o pastor falou esses dias, que o fim dos tempos tá pra chegar.

JOSÉ  
Pois é... mãe, hoje tô bem cansado. Vou direto pra cama. Boa noite.

MÃE  
Tem feijão na geladeira, não vai comer?

JOSÉ  
Já comi no trabalho, obrigado.

MÃE  
Boa noite então, filho.

**INT. QUARTO DE JOSÉ - NOITE**

José deitado na cama, olhando pra cima.

FADE OUT

FADE IN

**EXT. RUA - DIA**

José desce do ônibus e se depara de novo com a manifestação em frente ao terminal, desta vez mais violenta. Os ânimos estão exaltados e os manifestantes gritam contra a tropa de choque à frente deles. Ele atravessa pelo meio e neste momento houve-se um ESTOURO e os manifestantes começam a correr. Ele fica parado, sem reação, em meio ao gás e sai andando.

**INT. LANCHONETE - DIA**

José chega com a cara vermelha, tossindo, bate o ponto, passa direto por Amélia sem cumprimentar e vai ao VESTIÁRIO. Lá encontra Aroldo.

AROLDO

O que que deu?

JOSÉ

Acho que é o Vírus.

AROLDO

Porra, o que tá fazendo aqui então? Vai pro hospital!

JOSÉ

Brincadeira, é gás lacrimogênio. (Ri)

AROLDO

Esses baderneiros não tem mais o que fazer mesmo. Fazem merda e o outros que se ferram. Tudo bem aí?

JOSÉ

Sim, tranquilo.

José volta para o BALCÃO ao lado de Amélia. Os dois se olham sem dizer nada e após relutar, conversam.

AMÉLIA

Quer falar algo?

JOSÉ

Foi a polícia. Eu só estava passando...

AMÉLIA

Essa polícia é foda mesmo.

JOSÉ

Tudo bem, o gás só ardeu um pouco na hora mas já está passando.

AMÉLIA

Se quiseres eu posso segurar as pontas aqui na loja.

JOSÉ

Não precisa.

AMÉLIA

Quando eu passei por lá o pessoal tava começando a se reunir. Queria ficar, mas não deu porque tive que vir trabalhar.

JOSÉ

Tu costuma participar dessas manifestações?

AMÉLIA

Não tenho muita esperança que vai mudar algo, mas sim. Não consigo ficar sem fazer nada, com tudo isso que tá acontecendo no País.

JOSÉ

Pois é, eu confesso que não sou muito ligado em política.

Amélia faz um gesto com a cabeça, de que está tudo bem.

AMÉLIA

Quer tomar uma cervejinha depois do trampo? Hoje é sexta.

JOSÉ

É, mas a gente trabalha amanhã, e domingo também. (risos)

AMANDA

Ah, só pra relaxar um pouco.

JOSÉ

Claro, vamos.

Chegam clientes na lanchonete e os dois atendem.

FADE OUT

FADE IN

**EXT. RUA - NOITE (mais tarde)**

Fachada de um boteco simples em uma rua movimentada.

**INT. BAR - NOITE**

Amélia e José estão encostados no balcão do bar, bebendo e conversando descontraidamente.

Dono do bar liga a televisão.

DONO DO BAR  
Vai começar o jornal.

JOSÉ  
(irônico)  
Lá vem o Super Virus.

AMÉLIA  
Vírus é essa mídia que só enfia merda na cabeça de todo mundo.

Os dois riem e olham pra televisão ao fundo do enquadramento.

TELEVISÃO  
Necessária reforma trabalhista finalmente é aprovada no congresso.

CLOSE-UP em José, que cessa o riso e fica sério. Imagem fica levemente distorcida, representando momento de insanidade dele.

TELEVISÃO (V.O)  
O ultimo turno de votação aconteceu na madrugada de ontem, aprovando uma nova carga horária de doze horas. A medida promete aquecer a economia e incentivar a criação de empregos...

CLOSE-UP na televisão, mostrando apresentador falando com uma outra apresentadora ao seu lado.

TELEVISÃO  
Super Vírus mata mais três no Rio de Janeiro...

Apresentador fica vermelho e começa a vomitar e em seguida apresentadora também vomita.

Dono do bar vomita, na sequencia.

CLOSE-UP em José de novo, suando e nervoso. ENQUADRAMENTO vai fechando em um dos seus olhos.

MATCH CUT

**INT. LANCHONETE - DIA**

Bandeja com sanduíche redondo, embalado, sendo colocado em cima do balcão da lanchonete. Uma MUDANÇA DE PLANO REVELA que é uma OUTRA FUNCIONARIA atrás do balcão da lanchonete no lugar de Amélia. ÂNGULO ABRE PARA REVELAR que José está ao lado dela, no seu lugar de sempre, com o olhar perdido.

OUTRA FUNCIONARIA  
(grita)  
Cliente com o número dezoito.

FADE OUT

FIM